

As edições das “*Novelas Exemplares*” de Cervantes no Brasil

The editions of the “Exemplary Novels” in Brazil

Célia Navarro Flores

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil

Resumo: Este trabalho trata da circulação no Brasil de uma série de contos publicados na Espanha, em 1613, por Miguel de Cervantes (1547-1616), sob o título *Novelas ejemplares*. Apoiados nos conceitos de “sucesso” e “fortuna” (TIEGHEM; BRUNEL, PICHOS, ROSSEAU; SOUILLER, TROUBETZKOY), buscamos, inicialmente, mostrar quantitativamente quais contos obtiveram uma fortuna mais positiva e quais menos, a partir de um levantamento de 14 edições brasileiras da obra. Em um segundo momento, a partir da análise do peritexto (GENETTE, 2009) dessas edições, observamos em quais segmentos da sociedade os contos circularam. Finalmente, o estudo dos prólogos nos indica a fortuna crítica do livro de Cervantes.

Palavras-chave: Cervantes. *Novelas ejemplares*. Recepção. Circulação. Edições brasileiras.

Abstract: The present work deals with the circulation of a series of short stories, published in Spain, in 1613 by Miguel de Cervantes under the heading *Exemplary Novels*. Supported in the concepts of “success” and “fortune” (TIEGHEM; BRUNEL, PICHOS, ROSSEAU; SOUILLER, TROUBETZKOY), we search, initially, to show which stories had quantitatively gotten a more positive fortune and which less, from a survey of 14 Brazilian editions of the workmanship. At a second moment, from the analysis of the peritext (GENETTE, 2009) of these editions, we observed in which segments of the society the stories had circulated. Finally, the study of the prologues in them indicates the critical fortune of Cervantes’ book.

Keywords: Cervantes. *Exemplary novels*. Reception. Circulation. Brazilian editions.

Introdução

Miguel de Cervantes é mais conhecido no Brasil como o autor de seu livro imortal *Dom Quixote de La Mancha*; o restante de sua extensa obra – seu teatro, sua poesia e seus contos – teve pouca repercussão em nosso país. Entretanto, depois do *Quixote*, sua obra mais difundida no Brasil são seus contos, que foram escritos em 1613, sob o título *Novelas ejemplares*, volume que contém 12 contos, a saber: “La gitanilla”, “El amante liberal”, “Rinconete y Cortadillo”, “La española inglesa”, “El licenciado Vidriera”, “La fuerza de la sangre”, “El celoso estremeño”, “La ilustre fregona”, “Las dos doncellas”, “La señora Cornelia”, “El casamiento engañoso” e “El coloquio de los perros”.

Praticamente todos os contos são unidades independentes, exceto os dois últimos: “El casamiento engañoso” e “El coloquio de los perros”. Ao final do primeiro, o personagem Peralta se admira da história contada por seu amigo Campuzano, o qual diz que, se ele (Peralta) se admira dessa história, o que dirá da história da conversa dos dois cachorros, a qual ele havia presenciado e posteriormente anotado em um “cartapacio”. Peralta pede que Campuzano lhe leia a história, que no papel intitula-se “Novela y coloquio que pasó entre Cipión y Berganza”, mais conhecida do público atual como “El coloquio de los perros”. Em outras palavras, o final do primeiro conto serve de enlace e introdução ao segundo.

Neste trabalho, pretendemos mostrar como esses contos escritos há quatrocentos anos, na Espanha, circularam e circulam no Brasil a partir do século XX¹. Para realizar tal empreitada, inicialmente procedemos a um levantamento das edições das *Novelas ejemplares* no Brasil, em tradução ao português. Tal levantamento foi realizado a partir da consulta dos catálogos da Biblioteca Nacional (RJ), das bibliotecas universitárias (USP, UERJ, UFF) e das lojas virtuais de livros usados. Alguns livros foram consultados em bibliotecas, algumas informações complementares nos foram dadas por tradutores e livreiros, e a maior parte das edições foi adquirida em lojas de livros usados. Tivemos a preocupação em adquirir as edições mais antigas – preferencialmente as primeiras. Embora tenhamos feito uma pesquisa exaustiva, sabemos que sempre haverá edições das quais não tivemos notícias, nem nos catálogos das bibliotecas, nem nas casas de livros usados. Entretanto, cremos que a quantidade de edições consultadas (14) é um número suficientemente representativo.

1 Não encontramos menção a edições anteriores ao século XX.

Este trabalho se apoia nas teorias de recepção literária, mais precisamente nos conceitos de “sucesso” e “fortuna”, que se referem à difusão da obra literária. O conceito de “sucesso” já se encontrava formulado na obra de um dos maiores estudiosos da literatura comparada, precursor da escola francesa: Paul Van Tieghem. Em seu livro *La littérature comparée*, o autor afirma: “[...] Le succès, naturellement, développe à son tour la diffusion. L’un et l’autre son attestés par le nombre des traductions ou de leurs réimpressions, par les représentations au théâtre, par le nombre et le ton des articles critiques, etc.” (TIEGHEM, 1946, p. 134, grifo nosso).

Portanto, o sucesso de uma obra é medido quantitativamente pelo número de suas traduções e reimpressões; por isso nosso empenho em realizar o levantamento das edições traduzidas das *Novelas exemplares* no Brasil.

O caráter quantitativo, que determina o sucesso de uma obra, foi também apontado por Brunel, Pichois e Rosseau em sua obra *Que é literatura comparada*, na qual os autores definem “fortuna”, “sucesso” e “influências”, opondo os dois últimos:

[...] [A] fortuna é o conjunto dos testemunhos que manifestam as virtudes vivas de uma obra. Compõem-se do sucesso de uma parte; e da influência, da outra parte. O sucesso é dado por cifras. É determinado pelo número das edições, das traduções, das adaptações, dos objetos que se inspiram na obra, bem como dos leitores que se supõem terem-na lido. [...] Ao sucesso, quantitativo, opomos a influência qualitativa [...]. Se o sucesso se calcula, a influência se aprecia [...]. (BRUNEL; PICHOS; ROSSEAU, 1990, p. 39-40, grifo nosso).

A fortuna, conforme os autores, é composta pelo sucesso e pela influência. O estudo da influência das *Novelas exemplares* extrapola os limites deste trabalho; portanto, não o contemplaremos aqui. Por outro lado, a análise quantitativa das edições mostrar-nos-á o sucesso que as *Novelas exemplares*, de Cervantes, obtiveram entre o público brasileiro.

Mais recentemente, Souiller e Troubetzkoy retomam a definição de fortuna e tecem um comentário que nos será útil para este trabalho: a fortuna não é necessariamente uma noção positiva; é possível que ela se refira tanto a processos de admiração quanto a processos de “rejeição” ou “esquecimento”:

Le mot *fortune* est utilisé pour designer l'importance d'une œuvre et la trace qu'a laissée un écrivain derrière lui. L'étude portera donc sur le relevé des témoignages qui démontrent le dynamisme d'un écrit et le succès d'un auteur, grâce à des éléments *quantifiables* (éditions, traductions, adaptations) et à une évaluation précise de l'extension du lectorat concerné. [...] [L]a fortune n'est donc pas une notion seulement positive, puisqu'elle prend en considération tout autant le périodes d'admiration que celles de rejet ou d'oubli [...]. (SOUILLER; TROUBETZKOY, 1997, p. 21, grifo nosso).

Essa definição nos é útil na medida em que pretendemos quantificar os contos cervantinos isoladamente. Explicamos: os 12 contos de Cervantes, escritos sob o título *Novelas exemplares*, apenas tardiamente foram publicados em sua totalidade no Brasil, ou seja, alguns contos sofreram uma rejeição ou um esquecimento por parte de tradutores e editores, enquanto outros, além de reeditados diversas vezes, foram contemplados com edições avulsas, o que nos mostra que tais contos obtiveram maior aceitação e destaque.

Este trabalho já se justificaria pelo caráter inédito do levantamento realizado e pela indicação do sucesso, em termos quantitativos, de determinados contos em detrimento de outros. Entretanto, buscamos ultrapassar esses limites, realizando também um estudo do “peritexto” editorial, assim definido por Genette, em seu livro *Paratextos editoriais*:

Denomino peritexto editorial toda a zona do peritexto que se encontra sob responsabilidade direta e principal (mas não exclusiva) do editor [...]. A palavra *zona* indica que o traço característico desse aspecto do paratexto é essencialmente espacial e temporal; trata-se do peritexto mais exterior: a capa, a página de rosto e seus anexos; e da realização material do livro, cuja execução depende do impressor, mas cuja decisão é tomada pelo editor, em eventual conjunto com o autor: escolha do formato, do papel, da composição tipográfica etc. (GENETTE, 2009, p. 21).

Dos elementos do peritexto elencados por Genette, analisaremos mais detidamente: a) as coleções nas quais se inscrevem muitas das edi-

ções que temos em mãos; b) as capas; e c) os prólogos de autoria dos editores ou dos tradutores.

As coleções às quais pertencem os contos nos possibilitam observar o tipo de público para o qual a edição foi pensada pelos editores, indicando-nos em que meio a obra circulou: entre as mulheres ou os estudantes, por exemplo. A análise de alguns elementos das capas também é bastante reveladora. Veremos como em algumas edições o nome do autor se destaca do nome da obra, sugerindo-nos que o público conhece o autor mais do que a obra em questão; em outras edições, a capa traz o título ou a ilustração de determinado conto em detrimento de outros – o que nos indica uma preferência do editor (e, provavelmente, do público leitor) com relação a esse conto –; e outros detalhes que veremos adiante. Das edições consultadas, apenas em uma não tivemos acesso à capa original, pois, dada a baixa qualidade do papel e a antiguidade da edição (1947), o exemplar adquirido havia sido reencadernado com uma capa em branco.

Os prólogos alógrafos, por sua vez, indicam-nos muitas vezes como a obra foi lida em determinada época pelos prologuistas. Estamos utilizando aqui a palavra “prólogo”, mas, como veremos, esse texto inicial, em algumas edições, traz o título de “nota preliminar”, “prefácio” e outros.

Considerando-se que no Brasil praticamente não há estudos críticos sobre as *Novelas exemplares*, os quais nos possibilitem vislumbrar a recepção da obra em nosso país, cremos que a análise dos prólogos nos revelará os juízos críticos com relação à obra em tela. Estaremos, portanto, focando a fortuna crítica das *Novelas exemplares*, ou seja, a opinião dos “leitores que se supõem terem-na lido” (BRUNEL; PICHOS; ROSSEAU, 1990, p. 40).

Destacamos também que este trabalho, mais que um simples catálogo de obras, inscreve-se nos estudos de historiografia, pois, ao estipular e descrever cronologicamente as traduções dessa obra cervantina, estamos no âmbito da história das edições das *Novelas exemplares* no Brasil e também na esfera da historiografia da tradução. Trata-se, portanto, de um trabalho de “arqueologia da tradução”, que, segundo Pym, “são estudos com o objetivo de responder questões como quem traduziu, obras traduzidas, como, onde, para quem e com que efeito, incluindo compilação de catálogos e pesquisa biográfica de tradutores” (PYM apud COBELO, 2009, p. 37). Portanto, este estudo contribui para o desenvolvimento de futuros trabalhos sobre tradução comparada ou os contextos históricos nos quais as edições foram lançadas, por exemplo; estudos que não cabem no limite deste artigo.

Finalmente, esclarecemos dois pontos: em primeiro lugar, por ser este um estudo diacrônico, obedeceremos à ordem cronológica das edições; em segundo lugar, embora haja duas ou mais edições com o mesmo texto e com a mesma tradução, optamos por mantê-las, uma vez que se trata de diferentes editoras e, portanto, de diferentes tratamentos dados aos peritextos.

Edições brasileiras das *Novelas exemplares*, de Cervantes

A edição mais antiga das *Novelas exemplares* – em língua portuguesa, publicada no Brasil – de que temos notícia é de 1921, lançada pelo Anuario do Brasil (Rio de Janeiro), com o título *Novellas exemplares*, tradução de Virgínia de Castro e Almeida, que compõe a série *Anthologia universal*. Embora o livro se intitule *Novelas exemplares*, ele contém apenas dois dos 12 contos de Cervantes: “Cornélia” e “O ciumento” (“El celoso extremeño”).

Curiosamente encontramos dois exemplares, com capas de diferentes cores: uma marrom e outra verde, ambas com flores brancas e amarelas. Do título, na capa, destaca-se o nome de Cervantes, escrito em letras maiores que o título do livro, o que nos sugere que as *Novelas exemplares* não eram tão conhecidas no Brasil como seu autor o era. Nas notas preliminares, há uma breve biografia de Cervantes, ao final da qual os editores se referem às *Novelas exemplares*:

Das *Novellas exemplares* foram tirados os dois contos de que se compõe este volume.

Deu tal nome o autor a estas novellas para as distinguir das pouco edificantes historias que estavam então em voga, levando o seu escrúpulo nesta parte a pontos de que, como elle proprio diz, ‘hasta los requiebros amorosos son honestos y tan medidos con el discurso cristiano, que non podrán llevar á mal pensamiento al descuidado ó cuidadoso que las leyere, pues de otro modo antes me cortara la mano con que las escribí, que sacarlas al público’. Brilham especialmente pela inventiva, pela graça, pelo apuro da elocução. Excellentes quasi todas e muito originaes, colocam-nas os críticos logo a seguir ao *D. Quixote*, ao qual se avantajam, sem dúvida, pelo que respeita á pureza do estylo e correção da linguagem. (CERVANTES, 1921, nota preliminar, p. 11).

Nesse fragmento, chama-nos a atenção o destaque que os editores dão para o caráter “edificante” dos contos. O fragmento selecionado da obra de Cervantes enfatiza que os contos são “honestos” e condizentes com um “discurso cristão”.

A maneira como o livro chegou tão bem conservado até nossos dias nos leva a considerar que o papel do qual foi feito é de boa qualidade. O formato de bolso, elegante, a capa adornada com flores, a ênfase na honestidade dos contos nos sugerem que se trata de uma obra pensada para um público feminino.

A segunda edição mais antiga encontrada por nós até o momento é a de 1943, ano em que as Edições Cultura publicam o livro intitulado *O curioso impertinente*. Além do “Curioso impertinente”, narrativa inserida no *Quixote*, há dois contos: “A Senhora Cornélia” e “O ciumento”. O livro não traz o nome do tradutor, porém pudemos observar que a tradução é de D. Virgínia de Castro e Almeida, mesma tradutora da edição de 1921, porém para esta edição a ortografia foi modernizada. Trata-se de uma edição mais simples: não é capa dura e a qualidade do papel é inferior. O livro está inserido na coleção “Série Novelas do Coração. Famosos Romances Femininos”. O título da coleção explicita que o público alvo novamente é o feminino.

A capa rosada com o desenho de uma árvore verde corrobora a ideia de que o livro destinava-se às mulheres. Vimos que, na edição anterior, o nome de Cervantes vinha em destaque em detrimento do nome da obra. Nesta outra, ao contrário, o nome do autor vem em letras miúdas, enquanto o título do livro está em letras graúdas. Entretanto, o conto que nomeia a obra não faz parte das *Novelas exemplares*, mas, como dissemos, é uma narrativa retirada do *Quixote*.

Em 1948, as Edições Pinguim, do Rio de Janeiro, publicam um livro intitulado *Novelas exemplares*, contendo apenas três novelas: “A cigarinha” (“La gitanilla”), “Rinconete e Cortadillo” e “A ilustre criada” (“La ilustre fregona”), com tradução e prólogo de Manuel Salvat[e]rra². Como podemos observar, esta edição traz novelas inéditas no Brasil. O livro apresenta um prólogo do tradutor, datado de 1947; por isso, é possível que a obra tenha sido publicada pela primeira vez em 1947 ou, talvez, o projeto da editora tenha sido iniciado em 1947 e o livro publicado

2 O nome do tradutor consta na página de rosto com o que acreditamos ser um erro de impressão, “Salvat rra”, vamos manter a grafia “Salvat[e]rra”, conforme o catálogo da Biblioteca Nacional.

apenas em 1948. A data do prólogo já nos indica que se trata de uma edição comemorativa do IV Centenário do Nascimento de Cervantes.

Das duas edições anteriores, apenas a primeira trazia uma “Nota preliminar”, na qual se comentava a honestidade e originalidade dos contos cervantinos. Nesta edição, por sua vez, temos um “Prólogo” bastante interessante e diferente do anterior, o qual: a) nos dá notícias da edição das *Novelas exemplares* que serviu de original para a tradução (trata-se da edição de Rodríguez Marín); b) traz algumas informações sobre o processo de tradução; e c) comenta as novelas escolhidas. Sobre a tradução Manoel Salvat[e]rra diz:

Houve o cuidado por parte dêste [tradutor] de trair o menos possível, a quem tão primorosas jóias legou ao idioma irmão. [...]. Houve [...] o cuidado de torná-las tão fluentes e vivas como quando saíram da pena de seu autor, cheias do realismo vigoroso que as caracteriza. Daí a substituição de algumas poucas expressões da gíria, por outras equivalentes e mais inteligíveis, a fim de evitar as aborrecidas notas explicativas de pé de página. (SALVAT[E]RRA, 1948, p. 10).

Vemos, por parte do tradutor, sua preocupação com a fidelidade ao texto e com a busca de equivalências entre as “línguas irmãs”. Com relação aos contos, o tradutor comenta que dizem que “A ciganinha” e “A ilustre criada” são irmãs “embora Preciosa [personagem de ‘A ciganinha’] surja como parte integrante e sublimada do seu meio, enquanto Constança [personagem de ‘A ilustre criada’] é uma exceção, passiva e distante” (SALVAT[E]RRA, 1948, p. 10). O prologuista nos informa que as duas novelas são classificadas como “assunto italianizante, mas com técnica realista espanhola” (p. 10). “Rinconete e Cortadillo”, por sua vez, é considerado um conto de técnica e tema realistas. Este breve prólogo nos mostra a preocupação de Salvat[e]rra com o processo tradutório e a preocupação em transmitir ao leitor elementos da crítica lida por ele.

Infelizmente, a edição que temos em mãos foi reencadernada, de modo que não temos a capa original para descrever e comentar. O papel é de baixa qualidade, talvez por isso tenham chegado até nossos dias poucos exemplares e em tão mau estado de conservação. Diferentemente das edições anteriores, nada nesta edição nos remete ao universo feminino. Ela não pertence a nenhuma coleção em particular, o prólogo nos pareceu

bastante técnico e, como vimos, trata-se de uma edição comemorativa do aniversário de Cervantes. Podemos dizer que, embora de pior qualidade, esta é a primeira edição destinada a um público mais amplo.

O exemplar do qual trataremos agora, infelizmente, não traz menção à data de publicação em seu peritexto. Trata-se do livro *Cornélia e outras novelas*, inserida na “Coleção Excelsior”, da Livraria Martins, tradução de Edgard Cavalheiro.

Com relação à data de sua publicação, encontramos algumas evidências que nos sugerem uma possível datação. Laurence Hallewell nos dá notícias de uma coleção de contos estrangeiros publicados a partir de meados dos anos 40: “Mais ou menos à mesma época [1943], [Martins] encarregou Edgard Cavalheiro da preparação de duas coletâneas de contos, uma de escritores brasileiros e outra de estrangeiros.” (HALLEWELL, 2012, p. 555). Encontramos em uma livraria virtual um exemplar desse livro, em cuja descrição constava o ano de 1950. Entramos em contato com o livreiro (Luiz Clóvis, da Num Mc Beat), que nos informou que no exemplar não constava a data da publicação, porém em outro livro da série (*Boca de Inferno*) constava uma lista dos livros já publicados, entre eles as *Novelas exemplares*, de Cervantes, com a data de 1950. Finalmente, realizamos uma pesquisa sobre a tipografia Rossolillo, responsável pela impressão do exemplar, e encontramos na internet livros impressos nessa tipografia de fins dos anos 30 a meados dos 50. Consideremos, portanto, que essa obra é de princípios dos anos 50, motivo pelo qual a descrevemos agora, obedecendo à ordem cronológica.

Neste livro, além da novela que dá título à obra (*Cornélia*), comparecem outras quatro novelas de Cervantes: “O Ciumento” (sic), “O casamento enganoso”, “A força do sangue” (traduzidas por Cavalheiro) e “O curioso impertinente”, que, como vimos, é uma narrativa retirada do *Quixote*. Dissemos no início deste trabalho que o conto “El casamiento engañoso” tinha uma continuação intitulada “Coloquio de los perros”; nesta edição, os editores simplesmente mutilam o primeiro conto, cortando-lhe o final, e excluem o segundo relato.

Na edição de 1943, o conto que dava título ao livro era “O curioso impertinente”, obra já conhecida dos leitores do *Quixote*. Nesta edição, por sua vez, o conto que se destaca não é o do *Quixote*, mas o das *Novelas exemplares*, “La señora Cornelia”, que figura na capa em letras maiores que o nome de Cervantes. Obviamente, a escolha desse conto para intitular o livro deve-se ao fato de que ele já havia sido publicado em

duas edições anteriores – a do Anuário do Brasil (1921) e a das Edições Cultura (1943) – e já era, portanto, conhecido do público leitor, sendo, inclusive, desnecessário colocar em destaque o nome do autor.

Em 1963, a editora Boa Leitura adquire os direitos de tradução e ilustração das *Novelas exemplares*; não nos parece coincidência o fato de que 1963 é o ano em que se comemoraram os 350 anos dessa obra cervantina. A edição contém quase a totalidade dos contos, traduzidos por Darly Nicolanna Scornaienchi. Não consta a tradução dos contos: “La gitanilla”, “La ilustre fregona” e o “Coloquio de los perros” – e o conto “El casamiento engañoso” também aparece mutilado, como na edição da editora Martins (1950). Mesmo assim, podemos considerar esta edição a mais completa publicada no Brasil até aquele momento, pois, como vimos, as edições anteriores a 1963 traziam apenas poucos contos. A capa e as ilustrações – uma vinheta na página de rosto e nove ilustrações (distribuídas de maneira irregular ao longo do texto) – são de autoria de Christa Sallentien. Chamamos a atenção para o fato de que o livro traz quatro contos de Cervantes inéditos no Brasil até então; são eles: “El amante liberal”, “La española inglesa”, “Las dos doncellas” e “El licenciado Vidriera”.

A capa traz o nome de Cervantes em letras maiores que o título da obra e a ilustração de um homem tocando uma espécie de alaúde (clara referência ao conto “O ciumento”), embora essa ilustração não figure no corpo do texto. É possível que a opção por apresentar na capa uma ilustração que remete ao referido conto deva-se ao fato de que “O ciumento” é um dos contos mais difundidos até então, pois aparece nas edições de 1921, 1943 e 1950, tornando desnecessária a menção à autoria do livro.

No prefácio, Julio Morejón, professor da Universidade de São Paulo (USP) naquela ocasião, compara as *Novelas exemplares* com o *Quixote*: “A fama e a originalidade de nosso autor residem no *Quixote* evidentemente, mas, se Cervantes não tivesse escrito obra tão extraordinária, aí, estariam estas novelinhas para mostrar-nos a capacidade de seu gênio criador” (MOREJÓN, 1963, p. 13). O diminutivo “novelinhas” nos soa pejorativo. O autor afirma tratar-se de 12 novelas e transcreve o nome de todas, mencionando que as duas últimas, “O casamento enganoso” e “O colóquio dos cachorros”, são duas novelas e não um conto dividido em duas partes, como alguns críticos espanhóis a consideravam. Entretanto, notamos que o livro traz apenas nove contos, sendo que “O colóquio dos cachorros” nem sequer consta no livro, e “O casamento enganoso”,

novamente mutilado, não é o último conto, ou seja, os editores não obedecem à ordem estabelecida por Cervantes. As demais opiniões críticas que aparecem no prólogo não são de Morejón, mas do crítico espanhol Joaquín Casaldueiro, devidamente citado pelo prologuista.

Em 1965, a editora Tecnoprint lança uma edição intitulada *Novelas exemplares*. Não se trata de uma nova edição das novelas de Cervantes, mas de uma reedição (piorada) do livro da editora Boa Leitura. O texto da apresentação não está completo; por falta de espaço, retiraram o último parágrafo. Na capa, lê-se o nome do autor em letras vermelhas e maiores que o nome da obra. A edição é bastante simples e não tão bem cuidada. A intenção, provavelmente, é atingir um público maior com uma edição menos dispendiosa.

Quando pensávamos que, finalmente, as *Novelas exemplares*, de Cervantes, haviam se firmado em solo brasileiro e que, após as edições da Boa Leitura e da Tecnoprint – as quais traziam nove dos 12 contos cervantinos –, não veríamos mais edições reduzidas, deparamo-nos com uma edição em matéria-prima de baixa qualidade e contendo apenas três contos. Trata-se da edição do Clube do Livro, a qual foi publicada com o título *A prisioneira*. O livro conta com a tradução de Rolando Roque da Silva, com uma “Nota explicativa” e notas de rodapé de Mario Graciotti e capa de Vicente di Grado.

O livro contém três contos: “A prisioneira”, “As duas donzelas” e “A tia fingida”. Curiosamente, dos três contos, o título de dois não está no elenco de contos das *Novelas exemplares*. Entretanto, constatamos que o conto “A prisioneira”, que dá título ao livro, é uma tradução de “La española inglesa”. “A tia fingida”, por sua vez, não fazia parte originalmente do livro de Cervantes. No século XVIII, este conto foi atribuído a Cervantes; entretanto, não há consenso entre os críticos sobre a autoria do relato: hoje não se considera tal conto como sendo cervantino.

Mario Graciotti, autor do texto inicial e das notas de rodapé, era um dos diretores do Clube do Livro. Na nota explicativa, após comentar brevemente a vida de Cervantes, Graciotti fala sobre os contos que compõem o livro. Em nenhum momento ele afirma que tais contos pertencem à obra *Novelas exemplares* nem que o nome original do conto que dá título ao livro é “La española inglesa” e muito menos que a autoria de “A tia fingida” é duvidosa. Sobre estas novelas, ele diz o seguinte:

As edições
das “*Novelas
Exemplares*”
de Cervantes
no Brasil

As novelas 'A prisioneira', 'As duas donzelas' e 'A tia fingida', que compõem o presente volume, refletem uma delicadeza tal em sua bela forma literária que a leitura é um convite contínuo para o prazer estético e um passo à frente em nossos conhecimentos sobre as dimensões do sempre eterno coração de nós todos, nos quadrívios sem fim do mundo. (GRACIOTTI, 1965, p. 7).

Célia
Navarro Flores

70

Chamou-nos a atenção um pequeno texto no rodapé da página anterior à “Nota explicativa”, no qual os diretores afirmam que seus livros “vêm sendo adotados, pela linguagem correta, por inúmeros estabelecimentos de ensino” (GRACIOTTI, 1965, p. 4), por isso a preocupação em oferecer um prefácio e notas explicativas nos rodapés das páginas. É curioso observar que as *Novelas exemplares*, cujo público alvo, inicialmente, era a população feminina, nesse momento, passam a ser destinadas aos jovens estudantes.

Na capa, temos a ilustração de uma menina sentada sobre as pernas, descalça e com o rosto triste: pressupomos que seja Isabel, protagonista do conto “A prisioneira”. Tal ilustração, em nossa opinião, não tem a ver com a personagem, que, embora tenha sido feita prisioneira, foi tratada como uma filha por seu raptor. Porém, é possível que a ilustração tenha sido pensada para seu público alvo: os estudantes.

Em 1970, a editora Abril lança o quarto volume da coleção “Os imortais da Literatura Universal”. O texto não traz novidades – trata-se da tradução que Darly Nicolana Scornnaienchi realizou para a editora Boa Leitura. Diferentemente da anterior, esta edição não reproduz o prefácio de Julio Morejón, não contém índice e não é ilustrada. O papel é de boa qualidade, e a capa, por sua vez, é muito bem cuidada: capa dura, vermelha e com ornatos e letras na cor dourada. A obra não contém nada que nos leve a crer que tenha sido elaborada para um público específico.

A edição que descreveremos a seguir traz uma novidade: contos e obras de teatro de Cervantes em um mesmo volume. Trata-se da edição de 1987, do Círculo do Livro, intitulada *A ciganinha. Novelas e entremezes*, com seleção e introdução de Rolando Roque da Silva e ilustrações de Enio Squeff. O livro é composto por três contos – “A ciganinha”, “Rinconete e Cortadillo” e “A força do sangue”. “A ciganinha” foi traduzida por Henrique Santo, e as demais obras (contos e teatro), por Rolando Roque da Silva. Na capa dura não há nem título nem ilustração; esses elementos se encon-

tram apenas na lombada, que é vermelha e que tem os nomes da obra e do autor em letras grandes douradas. Curiosamente, a sobrecapa, que é descartável e mais perecível, é bem mais elaborada que a capa: papel vermelho com o nome do autor em amarelo na parte superior, a ilustração de uma mulher em amarelo e o título na parte inferior em letras grandes e brancas.

O livro traz ainda um texto inicial, assinado por Rolando Roque da Silva, intitulado “El ingenioso hidalgo don Miguel de Cervantes y Saavedra”, com comentários sobre a vida e obra de Cervantes. Sobre as *Novelas exemplares*, Silva diz:

Porém, é ponto pacífico que suas novelas constituem seu maior título de glória depois do *Dom Quixote*. Escritas em épocas diversas, comprovam a diversidade de concepções artísticas e filosóficas por que passou Cervantes no decorrer de sua carreira literária. Pertencem algumas à escola italiana do Renascimento, situam-se outras num clima de transição para o Barroco, e as restantes, as mais belas e perfeitas, são autênticas realizações daquele mesmo realismo em que o *Quixote* foi concebido, tendo por tema o picaresco [...].

Neste volume, tivemos a intenção de fornecer uma ideia geral da obra cervantina, afora seu monumental romance, abrangendo a novelística e o teatro em prosa e em verso, certos de que os três séculos e meio que nos separam dessas magníficas criações não lhes diminuiram o viço e a beleza aos olhos do leitor de hoje. Isso porque, como afirmou Jean Cassou, Cervantes é o primeiro dos modernos. (SILVA, 1987, p. 12).

Nesse prólogo, Silva demonstra ter algum conhecimento da crítica sobre as *Novelas exemplares* ao dizer que algumas pertencem ao Renascimento e outras são mais barrocas; demonstra também tal conhecimento ao citar Cassou, tradutor das *Novelas exemplares* ao francês, e coloca os contos de Cervantes em um patamar inferior ao *Quixote*. Ao final do livro, há outro texto, intitulado “O autor e sua obra”, no qual novamente se fala sobre a vida de Cervantes e se comenta mais extensamente sobre sua obra. Sobre as *Novelas exemplares*, o autor diz:

[...] com ‘*Novelas ejemplares*’ (‘*Novelas exemplares*’), nos brindou com um dos mais belos volumes de contos de toda literatu-

ra universal. Nessas curtas histórias de caráter moral Cervantes deixa um verdadeiro testamento de toda sua melancólica sabedoria de vida. (SILVA, 1987, p. 310).

Tanto no “Prólogo” quanto nesse texto final, a intenção obviamente é enaltecer Cervantes e sua obra, enfatizando o caráter moralizante dos contos cervantinos.

Em 1988, a editora Rocco lança o livro *A espanhola inglesa*, da série “Coleções Novelas Imortais”, sob direção e com apresentação de Fernando Sabino e com tradução de Luis Lima. O livro tem uma capa simples (elaborada por Ana Maria Duarte), na qual temos o título da coleção e o nome do escritor Fernando Sabino (direção e organização), o título da obra, o nome do autor, seguido do nome da editora. Em 2010, a Rocco lança uma segunda edição com uma capa mais elaborada, na qual há a ilustração de uma jovem elegante.

No prefácio, Sabino traz uma biografia resumida de Cervantes e, ao final, justifica sua escolha:

Dessas novelas, escolhi para figurar nesta coleção *A espanhola inglesa*, que pode não ser a melhor, mas é das mais fascinantes e bem representativas da riqueza barroca do estilo de Cervantes. Ela reflete bem, ao longo de seu entrecho movimentado e cheio de peripécias, o clima de aventuras e desventuras em que decorreu a vida do autor. É uma história de amor, que se desenvolve em meio a intrigas da Corte e episódios complicados, ao gosto espanhol da época. [...]. (SABINO, 1988, p. 13-14).

Em nosso modo de ver, o livro representa uma consagração para o conto “A espanhola inglesa”, escolhido entre os 12 que compõem Cervantes. Sabino acerta ao dizer que o conto reflete a vida do autor, pois nele encontramos detalhes que nos reportam à biografia de Cervantes.

Em 2005, ano em que se comemoraram os quatrocentos anos da primeira parte do *Quixote*, a editora Peirópolis lança duas obras cervantinas: uma adaptação do *Quixote* para quadrinhos e *Rinconete e Cortadillo*. Este último é uma tradução do conto homônimo de Cervantes, realizada por Sandra Nunes e Eduardo F. Rubio. A edição traz um texto inicial, intitulado “Cervantes, autor de ‘Rinconete e Cortadillo’”, de Paula Renata de Araújo, da USP. O livro contém dez ilustrações de autoria do cartunista Caco Galhardo.

No breve texto introdutório, Araújo nos conta que há uma alusão à história de Rinconete e Cortadillo no *Quixote* e fala sobre o caráter inovador das *Novelas exemplares*: “A publicação desse conjunto de narrativas foi, como nos conta o próprio Cervantes em seu prólogo, algo novo na literatura espanhola da época” (ARAÚJO, 2005, p. 5). Sobre o conto, Araújo comenta:

A riqueza de *Rinconete e Cortadillo* não reside exatamente na história em si, mas no modo como é contada – na arquitetura de cada cena, onde se entrevê muita técnica teatral, na construção de seus personagens burlescos, no retrato fiel dos costumes desse submundo. Uma conjunção impecável de elementos do teatro e da literatura picaresca, com uma pluralidade de recursos estilísticos, orquestrada pelo engenho do autor do *Quixote*. (ARAÚJO, 2005, p. 6-7).

As edições
das “*Novelas
Exemplares*”
de Cervantes
no Brasil

73

A edição bem cuidada, com capa colorida e ilustrações de um cartunista renomado, mostra claramente que o público alvo é o infanto-juvenil. Assim como o conto “La española inglesa”, o “Rinconete y Cortadillo” também mereceu uma edição avulsa.

A edição mais recente da qual temos notícias é a da editora Arte e Letra, que publicou as novelas de Cervantes em três livros em diferentes anos. O primeiro livro, de 2009, intitula-se *Quatro novelas exemplares* e contém os seguintes contos: “A ciganinha”, “Rinconete e Cortadillo”, “O amante liberal” e “O Licenciado Vidraça”.

O segundo livro, publicado em 2010, intitula-se *Três novelas exemplares* e contém os seguintes textos de Cervantes: “A espanhola inglesa”, “A Senhora Cornélia” e “A ilustre criada”. Este último conto tardou 62 anos para ser republicado no Brasil, pois, como vimos, ele compunha a seleção de contos da edição de 1948, da editora Pinguim.

Neste volume consta um curto prólogo – cujo autor destaca o caráter inovador dos contos – no qual, após um elogio ao *Quixote*, discorre-se brevemente sobre as *Novelas exemplares*. Chamamos a atenção para um grave equívoco: consta, no prólogo, que o livro de Cervantes foi publicado em 1913 e não em 1613:

As doze *Novelas exemplares* editadas depois da publicação da primeira parte de *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, no ano 1913 [sic], mas escritas durante o período de elaboração do

romance, são exemplo da diversidade e riqueza do texto cervantino. Com elas, inaugura-se um novo gênero na Literatura Espanhola, o das novelas curtas, do qual Cervantes se vangloria não apenas de ser o primeiro, mas seu principal idealizador. (CERVANTES, 2010, prólogo, p. 10).

Célia
Navarro Flores

74

O terceiro livro da série publicada pela editora Arte e Letra intitula-se *Cinco novelas exemplares* e é composto pelas seguintes obras: “O ciumento de Estremadura”, “O colóquio dos cachorros”, “As duas donzelas”, “A força do sangue” e “O casamento enganoso”. É curioso observar que em mais de noventa anos e em mais de uma dezena de reedições das *Novelas exemplares*, o conto “El coloquio de los perros” tenha sido publicado pela primeira vez no Brasil, o que nos mostra o processo de “esquecimento” ou “rejeição” a que foi submetido este conto no Brasil.

Vimos que, no original de Cervantes, o final do conto “El casamiento engañoso” enlaça com a história “El coloquio de los perros” e que, nas edições brasileiras, o primeiro conto invariavelmente era publicado sem a parte final. Nesta edição, tal conto está completo, mas, infelizmente, por uma questão editorial, como nos informou a tradutora, ele não enlaça com o “Colóquio dos cachorros”, pois a editora não obedece à ordem dos contos estabelecida por Cervantes e põe “O colóquio dos cachorros” antes de “O casamento enganoso”.

Os contos foram traduzidos por Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra, e as capas são de Rafael Siqueira. Todos os contos de Cervantes nos quais há poemas inseridos – como “A cigarinha”, por exemplo – trazem o poema original, em espanhol, após o final do conto correspondente. Podemos dizer que as capas são neutras, decoradas com desenhos geométricos, e que a edição é pensada para um público geral.

Embora, finalmente, o público brasileiro tenha tido acesso a todos os contos de Cervantes que compõem suas *Novelas exemplares*, as três edições mais recentes são bastante simples: o papel não é dos melhores, há um prólogo (com erro) apenas na segunda edição, não há ilustrações, o conto “O casamento enganoso” não precede “O colóquio dos cachorros” e as capas são, digamos, padronizadas.

Considerações finais

Das 14 edições consultadas e descritas anteriormente, observamos que os contos de Cervantes que mais circularam no Brasil (em sete

diferentes edições) são “La Señora Cornelia” (1921, 1943, 1950, 1963, 1965, 1970 e 2010), “El celoso estremeño” (1921, 1943, 1950, 1963, 1965, 1970 e 2012) e “Rinconete y Cortadillo” (1948, 1963, 1965, 1970, 1987, 2005 e 2009). Os dois primeiros aparecem logo na primeira edição publicada no Brasil, em 1921, e continuam sendo publicados até nossos dias. O último, por sua vez, foi publicado inicialmente em 1948 e mereceu uma edição avulsa em 2005.

Os contos “La fuerza de la sangre” (1950, 1963, 1965, 1970 e 2012) e “La espanhola inglesa” (1963, duas vezes em 1965, 1970, 1988 e 2010) foram publicados no Brasil em seis diferentes edições ao longo dos anos, sendo que o primeiro aparece nos anos 50 e o segundo nos 60. Destacamos o fato de que “La española inglesa” também mereceu uma edição avulsa pela editora Rocco, em 1988.

Publicados em cinco diferentes edições, temos: “El casamiento engañoso” (1950, 1963, 1965, 1970 e 2012), “La fuerza de la sangre” (1950, 1963, 1965, 1970 e 2012) e “Las dos doncellas” (1963, 1965, 1965, 1970 e 2012), sendo que os dois primeiros aparecem nos anos 50, enquanto o terceiro, apenas nos anos 60.

“El amante liberal” (1963, 1965, 1970 e 2009) e “El licenciado Vidriera” (1963, 1965, 1970 e 2009), por sua vez, são publicados em quatro diferentes edições. Em três edições encontramos o conto “La gitanilla” (1948, 1987 e 2009); entretanto, em uma delas, o conto é o escolhido para constar no título da obra (1987). Já o conto “La ilustre fregona” foi publicado em apenas duas edições, com um intervalo de mais de sessenta anos (1948 e 2010); e, em apenas uma edição, o conto “El coloquio de los perros” (2012), que, como vimos, demorou mais de noventa anos para chegar ao público brasileiro. “El casamiento engañoso”, por sua vez, só foi publicado na íntegra em 2012.

Curiosamente, o “El curioso impertinente” (1943 e 1950), conto que não faz parte do livro *Novelas exemplares*, mas que está inserido no *Quixote*, aparece em duas edições, sendo inclusive título de uma delas (1943). “La tía fingida”, por sua vez, que nem se sabe se, de fato, é de autoria de Cervantes, aparece em uma edição, a de 1965.

Embora tenhamos duas edições comemorativas – a de 1948 (aniversário de nascimento de Cervantes) e a de 1963 (350 anos das *Novelas exemplares*) –, nenhuma parece estar à altura da obra cervantina. A de 1948 é extremamente pobre, e a de 1963, embora seja a mais completa publicada até aquele momento, deixa a desejar.

Esse levantamento quantitativo nos permite avaliar o sucesso que obtiveram as *Novelas exemplares*, de Cervantes, no Brasil. Como vimos no princípio deste trabalho, o sucesso é um dos fatores que compõem a fortuna de um escritor (BRUNEL; PICHOS; ROSSEAU, 1990), a qual pode ter um caráter positivo ou negativo (SOUILLER; TROUBETZKOY, 1997). Vimos como alguns dos contos de Cervantes que integram sua obra *Novelas exemplares* tiveram uma fortuna mais positiva que outros. Podemos afirmar que os contos “La ilustre fregona” e “El coloquio de los perros” obtiveram uma fortuna extremamente negativa, pois foram “rejeitados” ou “esquecidos” por editores e tradutores, fato que impediu uma maior circulação dessas obras e privou o público brasileiro de seu conhecimento. Por outro lado, os contos mais publicados e aqueles que mereceram edições avulsas são, em nosso modo de ver, os que obtiveram maior sucesso e uma fortuna crítica bastante positiva, sendo os contos que mais circularam em nosso país.

A análise das capas e dos títulos das coleções nas quais se inserem as edições nos revela que os contos cervantinos circularam em diferentes esferas da sociedade brasileira. As capas floridas das duas primeiras edições e o título da coleção na qual se insere a segunda, “Série Novelas do Coração”, indicam-nos que os primeiros leitores das *Novelas exemplares* no Brasil eram as mulheres. Em outros dois momentos dessa breve história das edições dessa obra, pudemos observar por elementos do peritexto que alguns contos circularam entre os jovens e os estudantes (1965 e 2005). Na edição de 1965, intitulada *A prisioneira*, consta que as edições “vêm sendo adotados, pela linguagem correta, por inúmeros estabelecimentos de ensino” (GRACIOTTI, 1965, p. 4). Em 2005, por sua vez, tanto a capa quanto as ilustrações de um cartunista renomado nos sugerem que a edição circulou entre o público infantojuvenil. A análise do peritexto das demais edições não nos sugere um público específico.

Chamamos a atenção ainda para dois elementos reveladores presentes nas capas: a) o tamanho das letras do título da obra e de seu autor; e b) a escolha da novela “O curioso impertinente” como título da coletânea, conto que, como vimos, pertence ao *Quixote* e não às *Novelas exemplares*. Esses dois aspectos nos mostram que o sucesso das *Novelas exemplares* esteve inicialmente vinculado ao sucesso do *Quixote*. O nome de Cervantes, autor reconhecido internacionalmente pela criação de uma obra-prima como o *Quixote*, facilitou a difusão de suas *Novelas exemplares*.

Passemos, finalmente, para algumas considerações sobre os textos iniciais. Na “Nota preliminar” da primeira edição, o prologuista toca em um ponto bastante discutido entre os cervantistas: a exemplaridade das *Novelas exemplares*. Para alguns críticos, por “exemplar” Cervantes se refere ao caráter moralizante de alguns contos; entretanto, para outros a “exemplaridade” estaria relacionada ao caráter exemplar da técnica narrativa de Cervantes. Obviamente, para este prologuista, os contos são exemplares por seu caráter moralizante.

Salvat[e]rra, prologuista da edição de 1948 – para quem as *Novelas exemplares* são “primorosas joias” –, compara personagens, classifica contos, discute seu processo de tradução e relaciona a obra de Cervantes com a pintura de Goya.

Para a edição comemorativa de 1963, a editora Boa Leitura tem o cuidado de convidar Julio Morejón, professor da USP, para escrever o prólogo; entretanto, as informações do prólogo não correspondem ao conteúdo da obra, uma vez que cita contos que não fazem parte do livro prologado. Nesse prefácio, Morejón tece elogios a Cervantes como narrador, compara os contos ao *Quixote*, colocando-os em segundo plano, e resume os juízos críticos de Casaldueiro.

Se o prefácio de Morejón demonstra erudição ao citar a crítica cervantina, o de Graciotti se limita a avaliações pessoais e superficiais sobre a obra e, como se não bastasse, não diz que os contos fazem parte das *Novelas exemplares* e ainda troca o título do conto “A espanhola inglesa” por “A prisioneira”, sem remeter o leitor ao título original do relato.

Rolando Roque Silva, por sua vez, na edição de 1987, também coloca as *Novelas exemplares* em um patamar inferior ao *Quixote* e enfatiza o aspecto moralizante dos contos. Outra edição dos anos 80 é a prologada por Fernando Sabino, que aponta o conto “A espanhola inglesa” como representante do estilo barroco cervantino e, acertadamente, entrevê no conto aspectos da biografia de Cervantes.

Na edição avulsa de “*Rinconete e Cortadillo*” (2005), Araújo se detém nos aspectos estruturais do conto: seu parentesco com o teatro, sua filiação à literatura picaresca e a supremacia de seu estilo. Finalmente, na edição de 2010, o prologuista enaltece a obra afirmando ser ela um exemplo da diversidade e riqueza do texto cervantino, enfatizando o aspecto original do texto ao afirmar que Cervantes inaugura o gênero “*novelas curtas*”.

Em maior ou menor medida, os prologuistas tocam nos pontos essenciais da obra de Cervantes em tela: seu caráter inovador, sua exemplaridade, seu estilo, os gêneros literários aos quais os contos se filiam e outros. Entretanto, os prólogos são, geralmente, breves. Não vimos nenhuma edição com espaço para um estudo mais profundo e crítico sobre as *Novelas exemplares*.

Cremos que, considerando o *corpus* levantado e a análise do peritexto das edições, foi possível neste breve trabalho tratar primeiramente da difusão e do sucesso das *Novelas exemplares*, de Cervantes, a partir do levantamento quantitativo das edições traduzidas (o que nos indicou como esses contos circularam no Brasil dos anos 20 até nossos dias) e também observar quais contos obtiveram mais sucesso e quais o obtiveram em menor intensidade. Em um segundo momento, a análise de alguns elementos do peritexto nos mostrou como algumas edições circularam em determinados segmentos da sociedade. Finalmente, a partir do levantamento dos juízos críticos expressos nos prólogos, pudemos vislumbrar aspectos da fortuna crítica da obra. Esses três passos nos levaram, por um lado, a construir uma história das edições e das traduções da obra cervantina no Brasil e, por outro, a estabelecer a recepção dessa obra no âmbito dos conceitos de “sucesso” e “fortuna”.

Embora as *Novelas exemplares*, de Cervantes, não tenham alcançado em solo brasileiro o mesmo sucesso que sua obra magna *Dom Quixote de La Mancha*, não deixaram de estar presentes, a partir de 1921, na vida dos leitores brasileiros, amantes da boa literatura.

Referências

ARAÚJO, P. R. Prólogo. In: CERVANTES, M. **Rinconete e Cortadillo**. São Paulo: Peirópolis, 2005. p. 5-7.

BRUNEL, P; PICHOS, C.; ROSSEAU, A. M. **Que é literatura comparada?** São Paulo: Perspectiva, 1990.

CERVANTES, M. de. **A ciganinha**. Novelas e entremezes. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

_____. **A espanhola inglesa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

CERVANTES, M. de. **A prisioneira**. São Paulo: Clube do Livro, 1965.

_____. **Cinco novelas exemplares**. Curitiba: Arte e Letras, 2012.

_____. **Cornélia**. São Paulo: Livraria Martins, s.d.

_____. **Novelas ejemplares**. Barcelona: Crítica, 2001.

_____. **Novelas exemplares**. Rio de Janeiro: Edições Pinguim, 1948.

_____. **Novelas exemplares**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1965.

_____. **Novelas exemplares**. São Paulo: Boa Leitura, 1963.

_____. **Novelas exemplares**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

_____. **Novellas exemplares**. Rio de Janeiro: Editores Annuario do Brasil; Porto: Renascença Portuguesa, 1921.

_____. **O curioso impertinente**. São Paulo: Edições Cultura, 1943.

_____. **Quatro novelas exemplares**. Curitiba: Arte e Letras, 2009.

_____. **Rinconete e Cortadillo**. São Paulo: Peirópolis, 2005.

_____. **Três novelas exemplares**. Curitiba: Arte e Letras, 2010.

COBELO, S. B. **Historiografia das traduções do Quixote publicadas no Brasil**. 2009. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola, Literaturas Espanhola e Hispano-Americana)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GRACIOTTI, M. Nota explicativa. In: CERVANTES, M. de. **A prisioneira**. São Paulo: Clube do Livro, 1965.

*As edições
das “Novelas
Exemplares”
de Cervantes
no Brasil*

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

MOREJÓN, J. Prefácio. In: CERVANTES, M. **Novelas exemplares**. São Paulo: Boa Leitura, 1963. p. 13-15.

SABINO, F. Prefácio. In: CERVANTES, Miguel de. **A espanhola inglesa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p. 5-14.

SALVAT[E]RRA, Manoel. Prólogo. In: CERVANTES, M. de. **Novelas exemplares**. A ciganinha, Rinconete e Cortadillo, A ilustre criada. Rio de Janeiro: Edições Pinguim, 1948.

SILVA, R. R. El ingenioso hidalgo don Miguel de Cervantes y Saavedra e O autor e sua obra. In: CERVANTES, Miguel de. **A ciganinha**. Novelas e entremezes. São Paulo: Círculo do Livro, 1987. p. 5-12.

SOUILLER, D.; TROUBETZKOY, W. **Littérature comparée**. Paris: PUF, 1997.

TIEGHEM, P. V. **La littérature comparée**. 3. ed. Paris: Librairie Armand Colin, 1946.

Bibliotecas, livrarias e lojas virtuais de livros usados

Catálogo da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://www.bn.br/portal/pesquisa/obrasgerais.htm>>. Acesso em: 21 set. 2012.

Catálogo da Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP. Disponível em: <<http://dedalus.usp.br/F?RN=947578060>>. Acesso em: 1º nov. 2012.

Estante Virtual. Disponível em: <<http://www.estantevirtual.com.br>>. Acesso em: 22 set. 2012.

Traça. Disponível em: <<http://www.traca.com.br/>>. Acesso em: 1º nov. 2012.